

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA 3ª E 4ª SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Mônica Adur Fontes¹, Roseane Vergílio Barreto¹, Mara Westin Lemos Martin²

¹UniVap / Instituto Superior de Educação — Rua Tertuliano Delphin Júnior, 181, Jardim Aquários , CEP 12.460-080, São José dos Campos – SP, Brasil, nicfontes@yahoo.com.br

²UniVap / Instituto Superior de Educação — Rua Tertuliano Delphin Júnior, 181, Jardim Aquários , CEP 12.460-080, São José dos Campos – SP, Brasil, mwl.martin@gmail.com

Resumo- Este artigo visa mostrar a importância de se desenvolver um trabalho de Orientação Sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Apresentamos estudos realizados na área de sexualidade humana, mostrando a relevância do tema dentro do ambiente escolar. Uma vez que os alunos possuem muitas curiosidades quanto ao assunto e recebem informações desordenadas a todo o momento, advindas, principalmente, por meio da mídia televisiva, não há mais como os profissionais da Educação tentar se esquivar dos questionamentos dos alunos. Assim, propomos um trabalho sistemático do Tema Transversal Orientação Sexual, sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, utilizando um projeto anual dentro da sala de aula.

Palavras-chave: Sexualidade, Curiosidade sexual, Mídia, Sala de aula, Escola, Orientação sexual.

Área do Conhecimento: VII - Ciências Humanas

Introdução

No ano de 2006 assumimos as classes de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Uma turma em uma escola estadual e outra da prefeitura, ambas no município de São José dos Campos, SP. A princípio, ficamos perplexas com o que vimos. Alunos que só pensavam em beijo na boca, em namoro, em relações sexuais, em revistas que expõem o corpo feminino, meninas usando roupas ousadas como se fossem adultas, enfim, tudo que parecia vulgar chamava a atenção daquelas crianças. Precisávamos pensar rápido e tomar alguma atitude. Após termos realizado algumas leituras sobre sexualidade, inclusive os Parâmetros Curriculares Nacionais, resolvemos tomar uma atitude diante da situação, que nos parecia um tanto caótica. Realizamos, então, alguns trabalhos emergenciais com as classes de 3ª e 4ª séries, que logo surtiram efeito positivo. Como exemplo, trabalhamos a novela *Rebeldes*, sensação entre crianças e jovens na época, bem como músicas que continham termos vulgares. Houve um sentimento de inquietude de nossa parte, pois ainda não era o suficiente. Sentimo-nos desafiadas a realizar um trabalho de maior amplitude, porém, precisávamos estudar mais sobre o assunto, termos embasamento teórico suficiente que nos capacitasse para um trabalho de Orientação Sexual. Terminamos o ano pensando como faríamos com as classes de 2007. Discutimos muito sobre o assunto até conseguirmos

estruturar melhor a idéia de se fazer um projeto de Orientação Sexual. Tínhamos para tanto, muito trabalho pela frente, ou seja, um grande desafio. Pudemos contar com a ajuda de uma profissional da área de Psicologia, o que assegurou uma nova perspectiva. Juntas, buscamos mais leituras sobre o assunto, procuramos sites que abordassem o tema no Ciclo I e material pedagógico que pudesse ser utilizado com os alunos.

Começamos a estudar, então, sistematicamente, procurando os mais diversos embasamentos teóricos que apoiassem o início do trabalho de Orientação Sexual nas escolas com séries iniciais.

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros.

Segundo Camargo (1999, p.43), [...] a escola é uma das instituições encarregadas de transmitir cultura e formas de comportamento

aceitas pela sociedade, mas pode também ser um espaço de questionamento desses comportamentos. Nas escolas, no entanto, quando se pensa em Orientação Sexual, as práticas ainda estão reduzidas à prevenção da gravidez na adolescência, Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS. Normalmente, os temas trabalhados restringem-se aos conteúdos ligados ao corpo biológico, além de surgirem a partir da 5ª série do Ensino Fundamental.

Para Silva (2002, p.86), [...] a escola não tem dado ao aluno o direito de conhecer a sexualidade, assim como não o incentiva a conhecer mais sobre si mesmo e o outro.

A escola, pública e privada, procura manter esse tema distante dos seus procedimentos curriculares e responsabilidades institucionais. Não cabe mais à instituição escolar, em especial aos professores, deixar de abordar o assunto com seus alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

De acordo com Fernandez (1994, p.53) [...] a proibição de conhecer, para os humanos, provoca o seu desejo por conhecer. Este pensamento reflete bem que quanto mais o educador tentar esquivar-se de falar sobre a sexualidade, mais os alunos irão procurar respostas para compreendê-la. Afinal, a realidade dos jovens é de um mundo onde a mídia expõe a intimidade das pessoas sem o menor pudor, a qualquer hora do dia.

Salienta Rago (1999, p.9), *vivemos em um país marcado pelos temas da sexualidade, expostos em piadas, fotos de bancas de revistas, danças de programas de televisão, mas que problematiza pouco o sexo.*

É necessário que o profissional da educação perceba o quanto é fundamental o trabalho com Orientação Sexual na sala de aula das séries iniciais, buscando sanar as tantas curiosidades que as crianças dos dias atuais carregam. Afinal, curiosidade satisfeita é sinônimo de criança tranqüila, mais bem disposta à aprendizagem. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p.270), a satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade e tensão.

Portanto, esta pesquisa visa mostrar a importância de se desenvolver um trabalho de Orientação Sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Apresentamos estudos realizados na área de sexualidade humana, mostrando a relevância do tema dentro do ambiente escolar.

Metodologia

Nosso Projeto de Orientação Sexual para ter início precisou ser aprovado pelos gestores das escolas das quais fazemos parte. Em seguida,

comunicamos formalmente aos pais dos nossos alunos. Fizemos diversas leituras científicas sobre a sexualidade humana para termos um embasamento teórico.

No trabalho prático, reservávamos cinquenta minutos de aula, uma vez por semana, para trabalharmos especificamente com a Orientação Sexual. Decoramos uma caixa de curiosidades para que as crianças depositassem suas dúvidas sem que precisassem se expor, bem como para conter os alunos, afinal era um assunto que gostariam de falar a todo o momento. A caixa serviu para organização do tempo destinado às perguntas. Estas eram estudadas por nós e respondidas por meio de aulas dinâmicas, com materiais concretos apropriados à faixa etária dos alunos, como vídeos e livros sobre o assunto de interesse.

Os pais sempre eram informados nas reuniões de como estava caminhando as aulas de Orientação Sexual. Colocávamos, inclusive, os materiais utilizados para que pudessem manipulá-los. Também deixávamos que questionassem, criticassem, elogiassem, falassem dos seus receios quanto ao trabalho realizado, enfim, que opinassem, positiva ou negativamente, sobre o desenvolvimento e progresso do projeto.

Resultados e Discussão

Os resultados obtidos superaram nossas expectativas. Os alunos ficaram encantados com o trabalho realizado, bem como, seus familiares. Aos poucos, pudemos perceber que toda a insegurança estampada nos rostos das crianças foi desaparecendo, afinal, tínhamos conseguido construir uma parceria com os pais, equipe escolar e alunos. A cada reunião com os pais, nos deparávamos com o desafio de enfrentamento de uma situação nova, afinal, a reação dos pais era sempre uma surpresa. Não sabíamos o que e como seria questionado sobre o projeto.

Entretanto, os resultados sempre se mostraram positivos. Os pais elogiavam, colocavam sua imagem em exposição para falarem sobre o Projeto de Orientação Sexual com disposição e vigor. Sentiam-se, por vezes, aliviados por terem alguém com quem contar para explicar sobre esse assunto, muitas vezes, complexo e constrangedor para eles, quando tinham que tratá-lo com os filhos.

Percebíamos os pais com um comportamento um pouco infantilizado no início, apresentando as bochechas coradas, afobados para falarem, ansiosos com as explicações das crianças quando chegavam a casa, bem como os testes, dos quais os filhos os colocavam à prova: perguntavam algo que a professora havia explicado para saber se os pais mentiriam ou confirmariam a resposta. Quando esses mesmos

pais viram a apostila dos seus filhos com todas as atividades que foram trabalhadas durante o projeto, exprimiram satisfação e até certa comoção por perceberem que suas crianças estavam crescendo e se tornando pessoas questionadoras quanto ao mundo em que vivem. Para nós, professoras, ficou o sentimento de satisfação por termos contribuído de forma positiva a esses questionamentos.

Foi muito interessante realizar um trabalho como esse. Afinal, sabíamos como iniciá-lo, mas não tínhamos a noção exata da dimensão da curiosidade das crianças. Portanto, tivemos o cuidado de não criar uma expectativa final para o projeto. Houve a preocupação de sabermos ouvir os alunos, antes de tudo, de sermos imparciais, deixando de lado experiências pessoais e de sabermos o momento exato de intervir, problematizando as questões levantadas com a intenção de os alunos construírem novos conhecimentos.

O bom desenvolvimento do projeto dependia muito da postura que assumiríamos diante dos alunos, familiares e equipe escolar. Sabemos que o professor deve se policiar sempre em suas atitudes, na tentativa de se manter o mais neutro possível, pois os alunos estão atentos aos detalhes. Quando o assunto é sexualidade, os cuidados ao se pronunciar, devem ser redobrados.

De acordo com Silva (2002, p.95), [...] *valorizar a capacidade de ouvir do professor é importante, mas não esquecer que ele deve também encontrar o espaço de intervir, desequilibrar e sintetizar no desenvolver dos conhecimentos.*

Conclusão

Realizar um trabalho sobre sexualidade nas séries iniciais é relevante para iniciar a formação de pessoas mais equilibradas, conscientes dos seus atos, que respeitam o espaço do outro e, principalmente, que conheçam a si mesmas, percebendo seus desejos, expectativas e limitações. Deve-se estar atento e não esquecer que os alunos são a matriz da dinâmica de todo o trabalho de Orientação Sexual. Eles é que irão nortear todo o processo educativo do projeto.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p.270), a oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares.

Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p.270), se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando

desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto.

Fica evidente a necessidade de a escola, juntamente com todos os seus profissionais, formarem única parceria com os pais e os alunos em busca de soluções para a precocidade em que se encontra a juventude atual. Saber ouvir os alunos e criar oportunidades para que se expressem de maneira desinibida e com confiança nos seus professores, talvez seja a maior contribuição que a escola possa dar para que tantos problemas, tais como, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros, possam trazer estatísticas com relevante redução desses problemas ou, quem sabe, até mesmo serem extirpados da sociedade brasileira.

Referências

SILVA, Ricardo de Castro e. Orientação Sexual: possibilidade de mudança na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2 ed. Brasília/São José dos Campos: MEC/SEF/Univap. 2001.

FERNANDEZ, A. A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1994.

RAGO, Margareth. Prefácio. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna: Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna: Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999.